

JOVENS NOS ECRÃS: A FRONTEIRA INVISÍVEL NO QUOTIDIANO

Enrickson Varsori

enrickson.varsori@gmail.com

Universidade de Aveiro

Lídia Oliveira

lidia@ua.pt

Universidade de Aveiro

Ana Melro

anamelro@ua.pt

Universidade de Aveiro; IES-Social Business School

Introdução

A utilização de dispositivos-ecrã na sociedade contemporânea é marca dos processos de convergência mediática no quotidiano. A obsolescência permanente dos novos dispositivos de comunicação gera uma renovação acelerada de dispositivos e aplicações que são apropriados para os mais diversos fins no âmbito pessoal, social e de trabalho.

Dentro do domínio que é estabelecido nos diversos tipos de ecrãs, desde as artes, pintura e avançando para tecnologia, os ecrãs criam ligações em comum no que se refere a comunicação. Pinto-Coelho (2010) explana “o ecrã tornou-se um instrumento de comunicação e informação, um intermediário quase inevitável na nossa relação com o mundo e com os outros” (2010, p. 19).

Sendo um protagonista no quotidiano, o ecrã tecnológico também se evidencia no que Lipovetsky e Serroy (2010, pp. 253-254) denominam ser o momento do “ecrã global”, uma esfera do “tudo-ecrã”, ou seja, a proliferação dos ecrãs permite a multiplicação de ofertas, de modos personalizados de consumo, de uma era de informação para diferentes públicos, instante de uma sociedade que se vê em constantes avanços tecnológicos com aspirações individuais que são diluídas em vários processos de comunicação, que acabam por se tornar invisíveis ao nível da utilização do ecrã.

Nesse sentido, as conexões que são estabelecidas entre utilizador das tecnologias ecrã são diluídas nas práticas sociais tornando os ecrãs invisíveis e omnipresentes pela forma como são dados no quotidiano. Vandereeken (2010) afirma que os ecrãs estão se tornando humanizados, como parte do nosso ambiente diário. A

presença silenciosa dos ecrãs na sociedade tende a inibir a consciência crítica que poderia conduzir o sujeito à análise da interferência na sua vida. Como referem Melro e Oliveira (2013), a visibilidade dos ecrãs é somente dada e observada a partir do momento em que se torna necessário ter a presença física dos objetos. Huhtamo (2012) alega que não é novidade sermos mediados pelas tecnologias e termos certeza que somos mediados, embora não saibamos o que os dispositivos tecnológicos sabem de nós e alerta para a tendência dos ecrãs serem invisíveis às práticas do quotidiano.

A articulação do uso de tecnologias é associada ao tempo que disponibilizamos para diferentes tarefas, sejam elas em âmbito pessoal, de lazer, ócio, e estudos por exemplo. Destacamos aqui o uso social do tempo como base no que Munné (1980) fala sobre o tempo livre, como uma esfera que implica as vontades do ser humano.

Na investigação que sustenta este texto, ressalta-se a importância de associar a multiplicidade de dispositivos-ecrã presentes no quotidiano dos jovens em Portugal e o uso social do tempo. No sentido de compreender esta relação foram realizados três *focus groups*, com a seguinte distribuição: dois grupos de estudantes do 3º ciclo do Ensino Básico e um grupo de estudantes do Ensino Secundário, realizados em maio de 2016, contando com a presença de 27 estudantes, todos de escolas públicas de Portugal.

Há uma predisposição para que os jovens nascidos pós-1998 tenham uma proximidade maior com os dispositivos-ecrã se comparados com as gerações mais antigas, e nesse sentido foram estabelecidos os seguintes objetivos pretendidos neste artigo:

- Analisar as relações dos jovens nascidos pós-1998 com os dispositivos-ecrã;
- Conhecer as principais atividades relacionadas ao uso social do tempo dos jovens nascidos pós-1998;
- Verificar os contextos de utilização dos dispositivos-ecrã dos jovens nascidos pós-1998.

Metodologia

Numa fase inicial da aplicação dos *focus groups* da dissertação de mestrado “Os dispositivos-ecrã no quotidiano dos jovens portugueses: A mediação-ecrã no uso social do tempo”, desenvolvida na Universidade de Aveiro, foi definido como objetivo compreender de que forma utilizavam os jovens do ensino público português

os dispositivos-ecrã, dando especial destaque às apropriações relacionadas ao uso social do tempo.

A utilização do método de grupos de discussão foi escolhida porque permite uma amplitude na colheita de dados empíricos. Kitzinger (1995) afirma que o método envolve um procedimento que agiliza de forma conveniente os dados recolhidos pelo pesquisador, sendo uma vantagem para trazer conhecimento, experiências e descobrir o que os participantes pensam.

O modelo dos grupos de discussão feito com os estudantes portugueses foi conduzido para captação de dados, sendo primordial a estratégia de comunicação entre o investigador e os envolvidos. Kitzinger (1995) alega que se feito de forma correta e envolvente o grupo de discussão pode “encorajar a participação daqueles que se mostram relutantes em fazê-lo” (1995, p. 300).

As dinâmicas dos grupos de discussão ocorreram com o objetivo principal de dar voz aos diversos participantes e obter uma recolha plural. A interação entre os participantes permitiu também que o clima das conversas fosse mais solto, mesmo pautadas com um guião pré-definido. Este, por sua vez, foi definido anteriormente como uma estratégia entre o interlocutor e os participantes, tendo o mesmo guião¹ para as três sessões como suporte para condução dos grupos.

Amostra

A delimitação da amostra é um aspeto importante para a análise dos dados qualitativos. A estratégia adotada partiu primeiramente da idade dos participantes, tendo sido fator decisivo delimitar grupos que tivessem a mesma idade ou uma margem mínima de diferença entre eles. Isso porque a diferença entre a idade e o grau escolar dos jovens, ao se falar de Ensino Básico e Secundário, é grande, visto que um ano de idade pode alterar bastante a perceção e conceções sobre as tecnologias e uso do tempo social no quotidiano, ao se tratar de perfis em construção escolar e psicológica.

A segunda delimitação foi geográfica, optando-se por fazer grupos de discussão em Aveiro, cidade na qual a Universidade de Aveiro possibilita a utilização dos espaços físicos para produção dos grupos, além do contacto com as escolas públicas.

1 O guião produzido teve como referência o modelo de Melro (2013), tendo modificações de acordo com a temática da pesquisa aplicada.

Foi realizado o contacto direto com o Agrupamento de Escolas Homem Cristo em Aveiro, tendo como intermediário professores que colaboraram com duas turmas diferentes para a produção dos grupos, sendo o terceiro grupo criado em colaboração com participantes voluntários.

O número de participantes por sessão dos grupos de discussão respeitou os preceitos deferidos por Morgan (1996), que constata que a participação de grupos que tenham entre 6 a 12 participantes permite maior controle e equilíbrio na gestão dos participantes. Nos três grupos, o número estabeleceu-se segundo esse princípio, tendo elementos com 12, 14 e 15 e 17 e 18 anos, respetivamente. O objetivo principal da linearidade das idades foi ter uma construção com os mesmos tipos de paradigmas envolvidos no uso social do tempo e utilização dos dispositivos-eocrã, o que permitiu um maior equilíbrio ao nível das experiências individuais e coletivas.

Construção, contexto de aplicação e recolha de dados

As dinâmicas dos *focus groups* foram feitas através da permissão e disponibilidade dos professores que cederam o espaço como extensão das aulas regulares. Os grupos de discussão foram produzidos na Escola Básica João Afonso de Aveiro e Escola Secundária Homem Cristo, ambos pertencentes ao Agrupamento Escolas de Aveiro, e também no Departamento de Comunicação e Arte na Universidade de Aveiro.

Posterior à aplicação da técnica, realizou-se o tratamento da informação captada, ou seja, transcrição dos *focus groups* e respetiva análise de conteúdo, de comportamentos via observação direta. Quivy e Campenhoudt (2005) afirmam que as observações dadas em entrevistas podem auxiliar por ser uma ferramenta infinitamente ampla por incidir o comportamento e manifestações das relações sociais no momento da aplicação.

A informação tratada foi dividida na análise de conteúdo com trechos retirados e agrupados de acordo com o guião utilizado, dividindo-se nos tópicos:

- Contexto de utilização dos eocrãs:
 - Periodicidade de uso
 - Local de uso
 - Contextos sociais (familiar, estudo, entretenimento, lazer)
- Eocrãs:
 - Tipo de eocrãs utilizados
 - Preferência de uso
 - Atividades realizadas

- Uso social do tempo:
 - Gestão do tempo
 - Relações sociais
 - Descrição do quotidiano

Dimensões de análise dos *focus groups*

As dimensões dos grupos de discussão também foram retiradas a partir do guião, tendo quatro dimensões analisadas:

- Tipo de ecrã utilizado (televisão, computador fixo, portátil, telemóvel, outros), colocando-se questões relativas ao uso pessoal, assim como a frequência de utilização de cada um;
- Preferências/motivos de utilização, tentando, nesta altura, compreender se se utiliza mais um ecrã do que outro e, neste caso, quais os motivos para isso acontecer;
- Atores envolvidos (sozinhos ou acompanhados), sobretudo para compreender qual o conhecimento dos perigos existentes e se há lugar à ocorrência de relações de cooperação e/ou conflito;
- Obstáculos/dificuldades/problemas encontrados, por forma a analisar a utilização dos ecrãs e, de um modo geral, quais as vantagens e desvantagens encontram na utilização dos ecrãs utilizados.

Todas as dimensões foram elaboradas de forma a que os participantes tivessem liberdade para responder, tendo em conta que o tempo de duração dos grupos de discussão, à partida, foi de 60 minutos aproximadamente.

Resultados

Nessa etapa foi necessário fazer a codificação dos dados captados via áudio, e, por conseguinte, analisar o conteúdo disponibilizado e organizado através das transcrições dos momentos mais pertinentes, visando associações às categorias consideradas relevantes para a análise de conteúdo. Quivy e Campenhoudt (2005) apontam que ao utilizar a análise de conteúdo, as informações conseguem ser tratadas com grau de profundidade se comparado com outras técnicas, além de

“satisfazer harmoniosamente as exigências do rigor metodológico e da profundidade inventiva, que nem sempre são facilmente conciliáveis” (Quivy & Campenhoudt, 2005, p. 227).

As informações e dados captados nos grupos de discussão foram separados, catalogados e delimitados com o apoio do guião desenvolvido para a produção, e, à medida que as transcrições eram analisadas, colocavam-se as referências a que pertenciam os grupos de perguntas distintos, separados por temáticas, tendo como apoio o *software* NVivo 11.

A Tabela 1 representa a imagem geral da distribuição dos dados pelas categorias de análise, incorporando-se o número de referências e fontes em cada categoria e subcategoria.

A imagem global das referências na tabela 1 revela que, no discurso dos 27 participantes, a dimensão do Contexto de utilização dos ecrãs (58.42%) se destaca, tendo ainda as dimensões Ecrãs (32.11%) e Uso social do tempo (9.47%). A dinâmica dos assuntos abordados revelou conexões com todos os temas, mas as caracterizações mais presentes destacavam-se nos contextos de utilização dos dispositivos-ecrã, mais do que quais os dispositivos que utilizavam e o uso social do tempo. As limitações ocorreram no momento em que os jovens falaram sobre o tempo que utilizavam e a forma como encaravam a utilização dos ecrãs (lazer, entretenimento, passar tempo, etc.) porque não conseguiam dissociar e categorizar que “agora é momento lazer” ou “agora é momento estudar”, uma vez que as dinâmicas do quotidiano são muito mais rápidas e tendem a não ter grandes ruturas ao fazer uma atividade ou outra.

De um modo geral, as categorias trabalhadas com os participantes não tiveram grandes distanciamentos em números de vezes referenciadas, visto que cada dimensão poderia conectar-se com outra. Ainda assim, os valores mais elevados são vistos em Telemóvel (13.68%) com 26 referências, a qual é conectada ao tema Ecrã, e, em segundo lugar a forma de comunicação Presencial (8.42%) com 16 referências que é conectada ao tema de Contexto de utilização dos ecrãs.

Diálogos dos participantes nos *focus groups*

A partir da análise de conteúdo é possível incidir sobre as mensagens capturadas nas discussões, sendo um importante mecanismo para revelar as informações importantes.

Tabela 1: Distribuição da codificação dos focus groups

Temas	Categorias	Subcategorias (N1)	Subcategorias (N2)	Fontes	Ref.	% ref.	
Contexto de utilização dos ecrãs	Período do dia	Manhã		1	5	2.63	
		Tarde		-	-	-	
		Noite		3	10	5.26	
		Todo o dia		2	6	3.16	
	Local de uso	Casa	Família/Amigos	2	7	3.68	
		Rua		2	3	1.58	
		Escola		3	7	3.68	
	Tipo de uso	Estudo		3	9	4.74	
		Entretenimento		3	5	2.63	
		Trabalho		-	-	-	
		Passar o tempo		2	3	1.58	
	Preferência em utilização	Informação		2	4	2.11	
			Companhia		3	12	6.32
		Sozinho		3	14	7.37	
			Acompanhado		3	5	2.63
		Forma de comunicação	Presencial		3	16	8.42
			Virtual		2	5	2.63
						Subtotal	58.42
Tipos de ecrã utilizados	Televisão		2	9	4.74		
			3	11	5.79		
	Tablet		3	11	5.79		
	Telemóvel		3	26	13.68		
	Computador	Fixo/Portátil	3	9	4.74		
	Consolas	Playstation/Wii...	3	6	3.16		
Smartwatch		-	-	-			
					Subtotal	32.11	
Ecrãs	Gestão do tempo	Ajuda		3	10	5.26	
		Atrapalha		3	7	3.68	
		Indiferente		1	1	0.53	
					Subtotal	9.47	
				Total	100		

A primeira dimensão analisada foi a questão do Contexto de utilização dos ecrãs, sendo dividida no período do dia a ser usado, local de uso, preferências de utilização e a forma de comunicação estabelecida com os objetos-ecrã.

O intuito desta primeira dimensão analisada foi perceber como se desenvolve o quotidiano dos jovens e o modo como os dispositivos-ecrã estão presentes ao longo do dia. No excerto da estudante Ana (nome fictício), 14 anos, nota-se que o dia começa com o uso de tecnologias:

Pergunta: Descreve-me a tua rotina, quando é que começas a utilizar algum tipo de tecnologia ao longo do dia?

Resposta: Às 7 da manhã eu acordo e fico com o telemóvel meia hora para sair da cama, porque eu fico muito desinformada durante a noite... Depois paro e vou arranjar-me, e, depois paro e na viagem que é para escola que é meia hora eu fico no telemóvel também. E na escola fico a usar como relógio e depois que chego a casa fico com ele. Se eu não tiver nada para estudar nessa altura eu fico toda a tarde e à noite também. (Ana, exc.1)

O maior número de referências sobre o período de utilização dos ecrãs é no período da Noite com 10 referências, sendo seguido do Dia inteiro com 6 referências. Verifica-se também que o local de uso está dividido entre Casa e Escola, ambos referidos 7 vezes. Isso acontece devido ao horário escolar dos jovens, porque as aulas iniciam de manhã e vão até ao final da tarde.

A versatilidade que os dispositivos-ecrã têm permite a personalização da forma como é usado, e isso foi visto nos grupos de discussão. Não existiu uma resposta padronizada sobre o tipo de utilização, ou seja, pode ser mais utilizado para estudos, entretenimento, trabalho, passar o tempo, informação e outras tantas agendas que podem ser incluídas. Quando foi perguntado aos estudantes qual é o Tipo de uso que fazem no quotidiano, foram citados mais vezes no contexto de fazer Companhia, sendo referidos 12 vezes, seguido do uso para estudar, referido 9 vezes. A estudante Margarida (nome fictício), 18 anos, quando é perguntado sobre o tipo de utilização dos dispositivos-ecrã explana:

Sempre estou com o computador, com a televisão e o telemóvel ao mesmo tempo. Mas por quê? A televisão é companhia, o computador é para quando eu for fazer algum trabalho ou falar com alguém no Facebook e também mensagens com alguém... E o telemóvel também para falar com alguém e mandar mensagens. (Margarida, exc.2)

As relações que a tecnologia tem com os participantes dos grupos de discussão também versaram sobre o contexto de estarem sozinhos ou acompanhados. Na categoria Tipo de uso, foi mencionado que os ecrãs servem de companhia (12 referências) para os jovens, mas ao perguntar se preferem utilizar objetos-ecrã acompanhados, foram referidos 14 vezes que preferem estar Sós, em contraponto com as 5 referências sobre estarem Acompanhados.

Na segunda temática, foram abordados os Tipos de ecrã utilizados no quotidiano. Com maior frequência foi referido o Telemóvel (26 referências), seguido da Televisão e Computador (9 referências ambos). É ainda relevante mencionar que, em Portugal, existe um crescimento, de ano para ano, no número de assinaturas de telemóvel pela população portuguesa. Segundo a última pesquisa divulgada na Base de Dados Portugal Contemporâneo (PORDATA), o número de assinantes do serviço de telemóvel duplicou do início dos anos 2000 até 2014 (Figura 1).

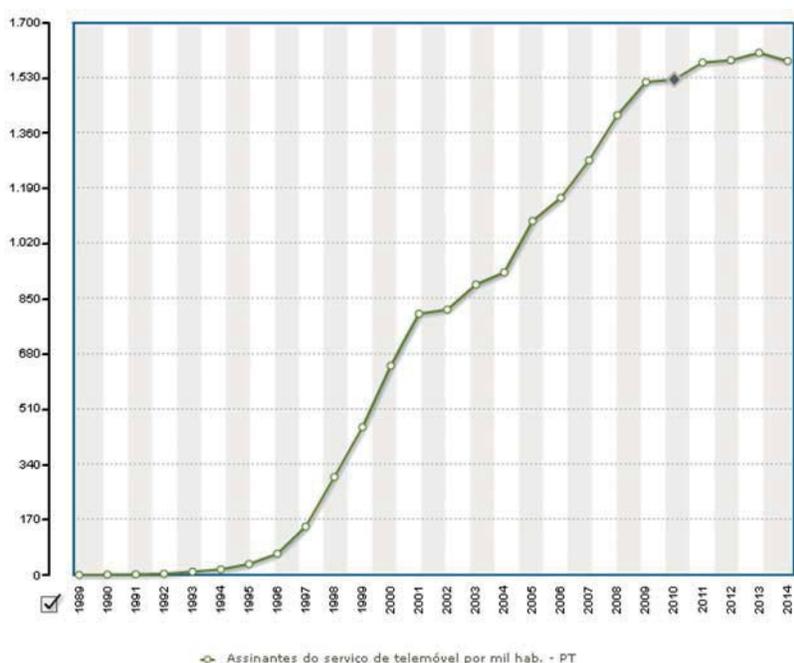


Figura 1. Assinantes de serviço de telemóvel por mil habitantes
Créditos: PORDATA.

Na temática do Uso social do tempo, foi trabalhada a categoria Gestão do tempo e as implicações das tecnologias no quotidiano dos jovens portugueses. O intuito foi perceber como são desenvolvidas as relações no quotidiano e a forma como as tecnologias-ecrã podem auxiliar e/ou prejudicar as relações de sociabilidade no dia-a-dia. Foram referidos, maioritariamente, que as tecnologias associadas à gestão do tempo Ajudam (10 referências) e Atrapalham (7 referências).

Para instigar os participantes nos *focus groups*, também foi perguntado dentro deste último tema como seria um quotidiano sem os dispositivos-ecrã que são hiperconectados com a internet. Por se tratar de 3 grupos com idades diferentes, os graus das respostas já davam indício da forma como as tecnologias estão presentes em cada uma das faixas etárias. Nos seguintes excertos de Mateus (nome fictício), 12 anos, João (nome fictício), 13 anos, e, Carolina (nome fictício), 18 anos, nota-se a proximidade das atividades ligadas aos ecrãs e à internet:

Pergunta: Como que seria se vocês não tivessem as tecnologias-ecrã no quotidiano. Por exemplo, se não tivessem internet para conectar ao telefone, computador, tablet etc.

Resposta: Não conseguiria viver...Fui um dia para a casa dos meus tios e eles não tinham internet em Castelo Branco. Quando cheguei eu estava doidinho e falava “Mãe, vá ligar a internet já”... Foi muito mau porque a televisão só tinha os canais 1, 2, 3 e 4 e mais nada (Mateus, exc.3).

Resposta: Se calhar as conversar com os amigos iriam melhorar... Às vezes a internet atrapalha. Por exemplo, já aconteceu de eu ir tomar um café, e, se um começa a usar o telemóvel, todos usam o telemóvel. Todas as pessoas ficam sem falar. Perde-se a ligação com os amigos por isso (Carolina, exc.4).

Resposta: Seria a primeira vez que eu iria à biblioteca... Então acho que seria um bom aluno (João, exc.5).

Conclusões

A análise dos resultados permite concluir que o uso de tecnologias-ecrã para estudar, criar vínculos sociais, manter-se informado e criar uma atmosfera de inclusão é feita por grande parte do público juvenil. Manter-se “conectado”, conhecer as funcionalidades dos dispositivos-ecrã se tornam parte fundamental no *status* dos jovens, que consomem e dialogam com os ecrãs como parte fundamental no quotidiano.

As considerações apontadas permitem refletir sobre as diversas possibilidades de uso dos ecrãs no quotidiano. A criação de vínculos com as tecnologias cria atmosferas no uso social do tempo. Os traços de contemporaneidade são uma prótese da proliferação dos ecrãs, das modificações culturais e do enraizamento de novos modos de viver em sociedade.

As formas de organização do tempo destoam se comparadas as culturas que não fazem parte do digital, pois a atenção também acaba por ser afetada. A multiplicação das tarefas, das janelas da *web*, das aplicações dos telemóveis e a velocidade em concretização dos afazeres domésticos também é de salientar. O número de horas em média frente a diferentes tipos de ecrãs também se modifica. O que antes era exclusivamente voltado para a televisão agora compete com inúmeros ecrãs. A forma e o conteúdo a que se acede também sofre roturas, havendo novos meios de interação que antes se centravam no modelo passivo que a televisão configurava.

O contributo dado com os resultados dos grupos de discussão com os estudantes em Portugal permite caracterizar de forma qualitativa o fenómeno do digital e a aproximação às novas formas de estar socialmente presente.

Referências bibliográficas

- HUHTAMO, E. (2012). Screen Tests: Why Do We need an archaeology of the screen? *Cinema Journal*, 51(1), 144–148. Retirado de http://c.ymcdn.com/sites/www.cmstudies.org/resource/resmgr/in_focus_archive/51.2_in_focus.pdf
- KITZINGER, J. (1995). Qualitative research: Introducing focus groups. *BMJ : British Medical Journal*, 311(7000), 299–302. <https://doi.org/10.1136/bmj.311.7000.299>
- LIPOVETSKY, G., & SERROY, J. (2010). *O ecrã global: Cultura mediática e cinema na era hipermoderna*. Lisboa: Edições 70.
- MELRO, A. (2013). *Gerações de ecrã em meio rural: Estudo dos novos média no quotidiano rural português de três gerações*. Tese de Doutoramento, Universidade de Aveiro, Aveiro, Portugal.
- MORGAN, D. (1996). Focus Groups. *International Journal for Quality in Health Care*, 8(5), 499–504. doi: <https://doi.org/10.1093/intqhc/8.5.499>
- MUNNÉ, F. (1980). *Psicosociología del tiempo libre: Un enfoque crítico*. México DF: Trillas.
- PINTO-COELHO, Z. (2010). Da instabilidade do ecrã. In Z. Pinto-Coelho & J. P. Neves (Eds.), *Ecrã: Paisagem e corpo* (pp. 17–33). Retirado de http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/issue/view/136

QUIVY, R. & CAMPENHOUDT, L. V. (2005). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

VANDERBEEKEN, R. (2010). The Screen as an In-between. *Foundations of Science*, 16(2-3), 245-257. doi: <https://doi.org/10.1007/s10699-010-9191-x>